



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV—N.º 100
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
27 de Dezembro de 1947

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628 Porto
Vales do Correio para CETE

O QUE EU DISSE ÓS LISBOETAS

TENHO dez minutos à minha disposição para revelar ao mundo da capital a criação da Casa do Gaiato de Lisboa. E' em Loures, no antigo palácio de Santo Antão do Tojal. Estamos a dar os ultimos retoques. Já estão designados os seus primeiros ocupantes, aos quais se pode chamar com muita propriedade os verdadeiros fundadores. Veem cinco da casa de Coimbra e outras tantos da casa do Porto. Trazem as obrigações de cozinheiro, dispenseiros, refeiteiros. Uns da rouparia, outros da cópa, alguns das camaratas, todos segundo o nosso sistema e divisa: — Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

Por enquanto não. Primeiramente temos de arrumar entulhos, abrir terreiros, assiar a casa. Tírar ordem e beleza do montão de ruínas que nos confiaram. Por agora não. Mas daqui a pouco tempo, há-de ver-se por gosto a residencia oficial do garoto de Lisboa, de quem as leis tanto dizem, sim, mas nem sempre podem amparar.

O problema da creança dos caminhos, está posto no coração de todos e tanto assim é, que os homens de Coimbra e do Porto, regosijam-se de ter fora de portas as suas Casas do Gaiato, aonde se abrigam hoje algumas centenas deles. Lisboa vai sentir a mesma alegria interior. Os nossos irmãos vadios, são aqui legião, pelo tamanho da cidade. Se há muitos no Porto; se muitos em Coimbra, — quanto mais deles em Lisboa! Ora eles são nossos. São património da nação — património vivo! Temos de os sentar à mesa, chama-los pelo seu nome, perguntar-lhes o que querem, — ama-los, para que também eles nos conheçam e nos venham a amar. A quem e de que maneira podem eles amanhã fazê-lo, se hoje forem aborrecidos?

Esta é a verdadeira missão das casas do Gaiato. A de Lisboa, não é de maneira nenhuma uma experiencia; é, sim, a continuação de uma obra já lançada e a produzir os seus frutos. Por estes se ajuiza do seu valor. Como nas outras casas, também nesta do Tojal possuímos uma quinta fértil e extensa, aonde vamos erguer os alicerces da futura aldeia, réplica fiel às que já estão erguidas. Nós temos absoluta necessidade de uma quinta, como fonte de riqueza exuberante e salutar. O garoto da rua interessa-se vivamente por tudo quanto seja respirar no campo e lidar com a natureza. As pombas, as ovelhas, as vacas a dar leite. As abelhas a fazer mel. As galinhas. Os passarinhos. Frutos pendentes. Sementes a germinar, — a vida em pleno contacto com a vida. O rapaz da rua, de triste que vem, num instante se torna feliz. Casos temos tido em que o garoto sujo e malcreado e repelente e vicioso, tal qual a rua o fez, transforma-se adoravelmente. Um dos nossos melhores que hoje trabalha no Porto, apaixonou-se por espigas de milho, coisa esta que jamais vira em sua amargurada carreira. Outros, teem a paixão das flores. Outros falam aos bois, ameigam as ovelhas e todos andam contentes. Sim. Uma grande quinta cultivada por eles, é o sentido total das casas do Gaiato.

Na casa de Lisboa, como nas suas irmãs do Norte e do Centro, o rapaz tem de guiar-se pela nossa divisa: — *Liberdade dentro da máxima responsabilidade*. Deste caminho, não saímos. Nem prisões nem castigos. Há o tribunal que funciona publicamente, em acto de comunidade, aonde

Cardeal Patriarca

ERA já noitinha, quando Sua Eminencia aqui apareceu. Já se não contava. Vinham também os Senhores Bispos do Porto e de Vizeu e seus familiares. Dois carros. Muito agradeço a visita. Os nossos rapazes pasmavam das vestes prelatias e também das vestes do sequito. A' despedida, o Rio Tinto, o mais impressionado de todos, disse-me muito contente: agora só falta vir à nossa casa o Senhor Papa.

algumas vezes é o próprio delinquente a escolher o castigo. Nós acreditamos na força da responsabilidade e nas dores que o rapaz sente em sua alma, quando sinceramente procura uni-la à liberdade. Somos testemunha de vista e de ouvido e de coração. Eles lutam. A alma é cheia de possibilidades divinas. O espirito acaba por triunfar da matéria. Esta doutrina é sacramento de vivos. *Tudo vos é permitido, menos pecar.* Eis a norma. A sentença. Eles compreendem e fazem por agir.

Outra feição muito original do nosso sistema, está no governo interno das comunidades. Eles governam-se por chefes eleitos. Todos quantos teem direito ao voto, são chamados a exercê-lo e a escolher o chefe. Não se calcula a soma de interesse que os rapazes sentem pelo seu chefe e o alívio que com isso causam ao trabalho dos orientadores. Tudo passa por ele. Ele é a ponte. Os orientadores marcam presença, mas não é necessário que estejam. O chefe sim.

Ainda um outro modo de ser da nossa Obra, é o tacto de se pagar um ordenado equitativo aos dos nossos que trabalham e produzem. São os trabalhadores da casa, quer seja no campo, quer nos estabulos, nas oficinas, na padaria, na cozinha e outras actividades domesticas. Estes, vestem-se e calçam-se à sua custa. Revelam o seu gosto pelas cores, o seu zelo às coisas, amor ao peculio, sentido da economia. Dizem-nos quem são e nós ficamos a saber quem temos. Tudo se passa com a maior simplicidade, sem pautas nem regulamentos, respeitando-se em tudo e por tudo a personalidade do rapaz.

As nossas casas são creadas unicamente para o bem déles. O bem total. Todo e qualquer interesse que dentro delas se possa levantar sem esta marca, pode ser humano, mas não é verdadeiro.

As casas do Gaiato são instituições de caracter meramente particular, fóra e acima de todos os credos, todas as cores, todas as politicas. São santuários d'almas. Elas são uma agencia aonde se pagam dividas. A divida dos grandes aos pequenos; aos nossos pequeninos irmãos da montureira. Os direitos destas creanças ficam sempre

de pé, por mais que a gente pretenda ignora-los. São almas. Clamam por justiça; justiça social. Daqui nasce justamente toda a simpatia e interesse pela nossa obra. Ninguém resiste. O próprio Governo da Nação vai à frente com a sua força moral e valiosos donativos. Todos pagam. Tudo ajuda. A humanidade tem os seus defeitos, sim, mas não é massa falida. O homem é a cupula, a coroa do universo. O Evangelho pede e espera que ele continue no mundo a missão redentora de Jesus. Por isso mesmo nós somos capazes de nos encher destas verdades eternas. De trabalhar na recuperação da creança perdida, — maneira divina de nos recuperar a nós mesmos.

Podia fazer agora aqui o costumado apêlo aos corações bem formados, almas bem feitas, falar da generosidade e outras palavras do estilo a que todos andamos afeitos. Podia, sim, mas é preciso mudar de tom. Eu antes quero falar em dividas. Dividas de justiça. Obrigação de cada um. Nós devemos à creança da rua cama e mesa e roupa lavada. Eu vou dizer aonde e como se podem desobrigar: — Primeiramente no Banco Espirito Santo. Temos ali conta aberta. Talvez me estejam a escutar duas senhoras de Lisboa que ali foram depositar uma 50 e outra 25 contos, tendo ambas tido o cuidado de esconder a mão. Também, possivelmente, aquela senhora que atirou com uma joia no valor de 12 contos, e escondeu-se. O Montepio, é outro lugar adequado à desobriga de cada um. Ali esperam as ofertas e donativos sob qualquer espécie. Quem funda uma casa, precisa de tudo. Nós somos pobres por natureza. Somos mendicantes, sem saca nem bordão. Nas cidades aonde não formos recebidos, sacudimos a poeira dos sapatos e vamos para outras. Também podem entregar os seus donativos aos párcos das freguesias de Lisboa. Eles fazem-nos chegar tudo às mãos. E finalmente o Cardeal Patriarca de Lisboa, recebe em suas mãos ou manda entregar nas d'outrem, quaisquer donativos para a Obra. Foi Sua Eminencia quem nos chamou. Ele quem nos cedeu a quinta e palácio do Tojal. Ele, quem ardentemente deseja a obra na Sua diocese. Obra da Rua, para os rapazes da rua. Como quer que seja e a quem quer que seja, — dai de boa vontade e sem arrependimento.

P. S. — Dias depois de ter falado na Emissora, fui a Coimbra em negocios da Obra. Quizera muito pernoitar com os ex pupilos dos Reformatórios, e não me foi possível. Mas passei uns momentos com eles. O Mario, levanta a voz e fala em nome de todos. Tinham eles também escutado a palestra. Gostaram. Gostaram mesmo muito, mas não concordaram com os sitios de pôr as esmolas: *No Montepio. Não faça isso. Olhe que os sócios podem julgar que o dinheiro é para eles e abotoam-se e a gente fica sem nada. No Cardeal Patriarca também não. Ele pode supôr que é prás missões e lá se vai o nosso dinheirinho. No Banco. Mande pôr no Banco. Ali é mais seguro.*

Esta linguagem chistosa e quasi irreverente, não tem nada que vêr com a atitude e aprumo destes mesmos rapazes, quando me é possível dormir no Lar e eles me pedem no fim da ceia duas palavras amigas. Então sim. Monges do trabalho a escutar! São perto de 40.

Do que nós necessitamos

Mais de Lisboa, de *uma estudante amiga da obra*, um frasco de compota e uma caixa de vitacola. Uma coisa e outra, traz designação. E' verdadeiramente amigo da obra, quem desce aos pormenores da nossa vida doméstica: Compota, para o doente de febre alta. Vitacola, para o hóspede do P.^o Américo. Mais do Porto toalhas e lenços. Sim, lenços. Temos tido alguns mas não os precisamos. Mais idem roupas. Mais idem calçado. Calçado. A nossa desgraça! Fizeram-se uma data de pares de sapatos para os Batatas. Muito bem. Cumprimos o nosso dever. Ora poucos deles podem calçá-los, por causa das feridas que têm. Mas nenhum deles os quer largar. Não é nos pés; é nas mãos. Trazem o seu par na mão! São sapatos novos — tão lindos! E assim os perdem. Mais meias do Porto. Mais um pacote com doze blusas e coisas e coisas e coisas.

Mas no caminho de Coimbra ao Porto, chuva miudinha em dia de sol. Aonde o carro tinha de parar, por gazolina ou quê, ai vinha um amoroso *tome lá e aqui tem!*

Em Avanca, foi chuva grossa: mil escudos! Mais 500\$ da Câmara Municipal de Caminha. Mais dez contos do Porto. Mais vinte e sete contos em cumprimento de um voto. Os vovotes vieram em pessoa fazer a entrega. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Mais no Depósito alguns envelopes.

Mais um pacote de lenços de Lisboa. Sim. Mais. Nós precisamos de mais. Mais um de livros da capital. Mais roupas do Douro. Mais de Leiria duas toalhas. Mais compota, para o pequenino que chama pela mãe. Mais roupas de Vizela. Mais pulovers de Caminha. Mais mosquitos de Lisboa.

Figos: figos prás merendas. Não estará ninguém no Algarve?! O ano passado estava lá um senhor que nos mandou uma grande tarifa d'les. Isso é que foi merendar! Este ano não sei... Parece que lá por aquele reino costumam os senhores sair muitas vezes e se estão em casa, não ouvem bater à porta. Figos. Figos prás merendas. Mais 100\$ do Estoril. Mais nas ruas do Porto 100\$. Mais de uma visitante fruta e mimos e roupas e uma data de novos assinantes, dinheirinho à frente. Assim é que é. Outra vez no Depósito uma data de pulovers, e mais um pacote de roupas usadas, que dão testemunho de amor cristão, e mais umas coisas e mais uma pancadaria de retalhos de flanela. Mais roupas de Ermezinde. Mais um mande *vaxilhas para 150 litros de azeite*. Que bom. E' do alto Douro. Mais um se eu triunfar *darei mil contos para essa obra*. Pois também eu desejo que triunfe sim. Quanto aos mil contos para esta obra, não. Seria o princípio da nossa ruína. Mais dezasseis peças de loiça higiénica de Sacavém. Veio a factura, mandou-se o cheque e tornou a vir! Tudo se fez como se tivéssemos de pagar, — e não pagamos nada! Quanto vão devemos ao Director da Fábrica! O Mestre d'obras, ao ver a loiça, toma uma peça, toca-a com os dedos e fala: *Isto sim. Isto é jaspe. Isto é outra loiça*. Sim, é tudo isto e é mais. Foi-nos oferecida. Eis tudo! Mais de Lisboa uma famosíssima encomenda de cinquenta peças de roupas de flanelas, direitinhas do armazem, e vinte e cinco bolas de tenis. Dentro vem o cartão da senhora que oferece. Não diz rua nem nada; é só o nome. Expede o *Novo Mundo*; um armazem de fazendas. Sim senhor. Lisboa quererá ser Lisboa?! A Primeira?! Vamos a ver. Mais da Guarda uma peça de fazenda de lá. Mais de Moçamedes um cheque de 200\$. Mais um cheque de mil escudos da mesma terra. Muito bem. Mais de Espinho, livros de leitura. Mais o João Ninguém de Lisboa com 50\$. Ele acautela a nota e diz *eu desejava poder afirmar não ser possível roubar ou furtar aos rapazes da rua*. Não afirme, João! Eu vejo-me e desejo-me para segurar o que posso, e não seguro tudo! Que os nossos rapazes roubem e furtem, está bem. Eles estão cá para receber lições de honestidade e a melhor lição, é aquela que se dá junto aos estragos feitos: *olha o que tu fizeste!* Mas os de fóra — oh dôr da minha alma!

Atrasados, sim. Atraso moral, que é o mais pernicioso. As esmolas que nós temos, João, deviam ser postas no altar, por santas. Algumas são sacrificadas. As suas são-no. Tenho também aqui uma carta de Lisboa a dizer: *é pouco, mas creia que me faz falta*. Isto é terrível. Isto escalda. E saber a gente que muitos que trabalham nesta e noutras obras semelhantes, não se escaaldam! Oh dôr da minha alma!

Não afirme João. O Decálogo está de pé, sim, mas os homens que o sabem não o cumprem.

Assinaturas pagas MAIS UMA CARTA

Os senhores assinantes andam actualmente numa quadra de muito aprumo. Sim senhor. Não se conteva. De vez em quando vem uma carta afiltiva — *tire-me dos caloteiros!* E o cheque paga próprio e juros. Não se contava.

O numero de senhores e de senhoras a pedir o jornal, é pavoroso. Digo pavoroso, por causa de Lisboa. E' de lá que sobe a onda. O documentário no Eden fêz a revolução. Ora os nossos rapazes andam assustadissimos. Eles teem medo que o Porto venha a perder. Passei pelo D. João IV no dia da expedição do ultimo numero. Os rapazes apontam os montes de jornais, por terras. *Olhe Lisboa. E se o Porto perde!* A aflição na cara dos expedidores era manifesta. Os pedidos de assinatura veem cheinhos de entusiasmo. Há uma casa na Rua Nova de Almada que pede 21 jornais para outros tantos empregados da dita. O que não será naquela casa, entre os novos assinantes, no dia de jornal. Que de comentários! Cada um a seu modo, conforme saboreou. Sim. Nem todos leem da mesma sorte aquilo que para todos se escreve. Há graus na capacidade dos leitores. Uma coisa de que muito estou a gostar com os lisboetas é o dinheirinho. Eles pedem o jornal e mandam na mesma carta o dinheiro do jornal. Muito bem.

Das Provincias ultramarinas, tambem não há que dizer. As distancias não separam. Lá como cá, arde-se. Está aqui uma carta de Lourenço Marques a chamar ao *Gaiato* o jornal atómico! Alto lá. Tenho medo da palavra. E' equivocada. Gosto mais de famoso.

Um reparosinho que temos agora a fazer, uma coisa de nada, é nos vales. Alguns veem a pagar em Penafiel. Penafiel é longe. Tem de lá ir o Sérgio na bicicleta quando Cête fica a dois passos. Chega-se lá num instante. Vamos a vêr.

UMA CARTA

«Há já um bom par de meses que sou leitor fiel de «O Gaiato». E' por meio dele que conheço a *Obra da Rua*. Tudo quanto vem no jornal, eu o leio com entusiasmo e amor. Contudo o que mais interesse me desperta é o que se refere ao seu método de educação, à sua pedagogia, afinal a única verdadeira pedagogia porque é a do Evangelho.

Compreen-te, pois, que eu ligue muita importância tudo quanto escreve e que se refere à educação dos rapazes. Nunca deixe de falar. Não interessa apenas aos educadores. Interessa a todos, aos professores, aos padres, aos pais. O que se vê de aberrações neste ponto! E' certo que os seus vêm de outros meios. Porém, no fundo, os problemas são os mesmos.

Trabalho pessoal, cultivo da responsabilidade, fazendo desenvolver as tendências boas, orientando os impetus naturais e levando os rapazes a cortar com o que não está bem — quanta coisa ainda a fazer no campo da educação».

Ela já aqui está desde o mez passado, mas não tem tido lugar. Cada vez lutamos com mais falta de espaço. Os crónistas estendem-se. Já nos vimos na necessidade de cortar os nomes dos senhores assinantes, e oxalá não venham a dar-se mais amputações. Publica-se agora a carta, sim. Gosto d'ela. E' de um sacerdote. *Vai para seis anos que estou com rapazes, como prefeito... Esta vez me convenceu mais que a autentica pedagogia é o culto da responsabilidade individual... Quantas vocações perdidas, quantas almas fechadas, quantos sacerdotes mediocres, fruto do ambiente de desconfiança... Sim senhor. Muito bem. Estou consigo de alma e coração. Também eu lhe digo, meu caro Padre, — Nunca deixe de falar. Não o conheço. Nunca o vi. Nem é preciso.*

Recados da minha parte aos Docentes e Discentes d'esse seminário.



Melhor lhes fóra não o saberem!...

Mais de Coimbra, com respeitosos cumprimentos, mil escudos. Mais de Lisboa, com desejo de boas-festas, metade daquela quantia. Mais de Lisboa três mil escudos. Mais de Mogadoro, flanela. Mais de Mação, pulovers feitos em casa. Conhece-se pelo cheiro! Mais no Depósito uma c/s de vinho fino, mais no mesmo sítio um fardo de peças de roupas. Assim se faz guerra ao frio. E mais nada.

Mais uma vez o venho chatear por causa do meu irmão. Venho-lhe pedir para ver se o meu irmão pode ir para a nossa casa, visto que já lhe uma vez pedi e o Senhor Padre Américo disse-me que quando a Casa 4 estivesse pronta...

Ele tem apenas 15 anos e é pouco mais entroncado do que eu. A vontade dele é aprender a ler e a escrever.

Ainda mesmo assim não tem um defeito que eu tinha, mas agora já o não tenho. O roubar. Ele não sabe ler nem escrever; assim ninguém é homem porque para ser homem de alma é preciso saber e aprender a Doutrina de Cristo.

Eu quando o vejo e que não sabe ler, até choro. Deixe-o ficar...

Receba um beijo na mão deste seu filho.

Esta carta é de um dos nossos rapazes.

Eis a linguagem; o apêlo maravilhoso dos Salvados. Os Salvados querem salvar! Querem para os seus, o Bem que hoje disfrutam — pregoeiros do Evangelho! Este rapaz não sabia que é um mal ser-se analfabeto. Ele era das ruas. Nunca deu fé desta desgraça.

Ele humilha-se. Faz uma confissão publica dos seus defeitos, para enaltecer o seu irmão. Outra vez o Evangelho! Para ser um homem d'alma é preciso saber e aprender a doutrina de Cristo.

Foi das ruas. Andava por lá. Aonde a transformação? Que é do mestre dêle? Aonde aprendeu o rapaz estas coisas tão sublimes? Muito simples. Tudo muito simples. Saiu da rua. Deu-se-lhe pão e beijos. Amou se e êle hoje quer amar. Receba um beijo na mão deste seu filho. Quer amar, sim. Chora com pena de seu irmão perdido. Ama.



Crónica Desportiva

Gaiatos 3 — Tutoria F. Club, 0

Os grupos alinham pela seguinte forma: Gaiatos Amadeu, Poeta e Madureira, Maximiano, Sérgio e Jacinto; Jorge, Velha, Zeca Chefe, Rio Tinto e Periquito. Tutoria — Fernando, Joaquim e Napoleão, Vasconcelos, João e Alcidio; Carneiro, Vaz, Armando, Waldemar e Alexandrino. O jogo começou com uma jogada dos visitantes que estiveram prestes a marcar, mas Amadeu para evitar o tento teve uma defesa ao canto, e o público aplaudiu o guardião gaiatense. Amadeu já bateu a bola para meio campo, esta é apanhada por Sérgio que finta 3 adversários e centra esta apanhada por Chefe mas há uma embaralhada e Periquito consegue apanhar a bola ente 2 adversários, chuta devagar e o guarda redes cai e a bola passa lhe por cima das mãos, e assim se fez o primeiro tento dos gaiatos. Ouveram umas jogadas sem interesse e o árbitro deu por terminada a 1.ª parte. 2.ª parte. A bola foi ao centro o avançado-centro leva a bola nos pés e consegue driblar 5 gaiatos e remata à baliza e o guardião dos gaiatos defende a sóco, esta é apanhada por Rio Tinto. Depois disto a bola foi apanhada pelo médio esquerdo este corre às redes do gaiato, mas foi desarmado pelo Madureira no momento oportuno, este alevia para meio campo, mas o médio centro alevia, e Jacinto ao entrar de cabeça tem medo e abaixa a cabeça, e o público risse. E o esférico foi apanhado pelo Poeta que chotou para a frente e a bola e apanhada pelo Chefe este a Jorge que remata e consegue o 2.º tento. A bola foi ao centro, e o ponta esquerda dos visitantes que corre com força às redes do gaiato, mas é desarmado pelo Madureira, que de repente passa a Sérgio que dribla 2 adversários e corre com a bola nos pés, que passa a Chefe e este para Jorge que devolve a bola ao mesmo, e este remata às redes da Tutoria e consegue o 3.º golo dos gaiatos. Este ultimo tento foi feito no ultimo momento. E assim os gaiatos saíram vencedores por 3 a 0.

Mirante de Coimbra

Um senhor e algures, enviou-me uma boneca para aquela pequenita que encontrei no Hospital, com o pai, a expiar o crime de matar a sêde no rio velho de choupal, onde as ninfas que inspiravam o nosso épico se misturam com os esgotos da cidade.

Pai e filha regressaram já á selva e aí vivem com o resto da família, numa tenda que há dois anos saiu nova das mãos dos gaiatos.

Numa tarde destas dispus-me a desempenhar a minha missão. E' sempre com alvoroço que o faço, mas desta vez senti a tentação de desenhá-la a meio do caminho.

—Ora o meu Prelado tanta falta tem de padres para a evangelização—dizia com meus botões—e eu, por aqui feito parvo, a levar uma boneca a uma miuda, que vive no matagal. Mas lá fui e não dei por pedidas, as passadas.

O quadro é o mesmo doutros tempos: a tenda tinha diminuído com a multiplicação dos turcos; a família estava aumentada em duas unidades; os cobertores desfeitos com o uso, neste tempo em que o fio não está racionado... A indumentária das crianças pouco menos que paradisíaca...

Um colega quis acompanhar-me. Nunca me há-de esquecer a cara de espanto que fez.

—Como é que esta gente resiste assim á fome ao frio, á chuva?

—Meu caro, nunca ouvistes dizer que Deus dá o frio conforme a roupa? Aí tens a prova real.

A fome não mata num dia, mas olha para aquelas caras. O terrêno está preparado para a tuberculose e a ela é que ninguém resiste.

A criança mal recebeu a boneca, logo a cobriu de beijos—ai que linda, olha ó mãe, até choral há-de arranjar-lhe um vestido. Não se lembrava a pobre criança que nem ela o tinha.

Obrigado meu senhor, pela alegria que levou á triste choupana. Se quizesse mandar também roupas usadas para as pobres crianças... São sete, meu senhor.

A mãe recebeu também de joelhos a esmola que para ela mandaram. Ainda tinha os olhos pesados de amargura que passou, num dia e numa noite de aljube—já nem posso ir á cidade pedir pão para os meus filhos, padre!

O maior mal é que com ela esteve uma criança que vai nascer na mesma tenda, se lhe não arranjarmos uma nova. E' assim que aprendem o caminho do calhabouço, mesmo antes de nascer, os filhos da selva.

O sermão mais eloquente daquela tarde, ouvi-o da boca duma boa mulher que presenciou toda esta cena.

«Bem empregada esmola, padre. Sempre que passo por aqui, venho trazer a esta miséria alguma coisinha daquilo que Deus faz crescer numa terra que amanhã ali além».

O «Sude» parou naquele momento, ali ao lado, na Estação Velha; na estrada passavam velozmente automóveis de luxo, e lá longe, a cidade alteava-se pela encosta até culminar com a Torre da Universidade. Riqueza, grandeza, ciência tudo passa vertiginosamente; o que vale e é eterno é a virtude que aquela pobre camponeza trazia na alma—a caridade. Voltei a casa e abri as cartas do papa Celestino. Vi mais uma vez, que não sai da minha missão de padre.

«O meu Rei, dizia ele, amou os pobres, viveu entre os pobres, e a eles, mais do que aos outros, prometeu a bemaventurança».

Não é o discípulo mais do que o Mestre.

* * *

O Natal aproxima-se e com ele o desejo e a oportunidade de fazer bem.

O Pastelão continua a soprar na cinza e descobriu já 150 novos subscritores. Irá brevemente fazer a colheita antes que arrefessão.

—1.000\$00 de Lisboa, muito certinhos por esta altura.

—Seis camisolas de lã manipuladas, por horas livres para os pobres.

—1.000\$00 na Nunciatura. Até os italianos se interessam pela vida e progresso da obra da Rua.

De Roma estão a pedir a noticia histórica de Obra. Nas mãos do Papa ficou em 24 de Julho o livro da «Obra da Rua» e das mesmas mãos recebi uma benção para todos os que a ela estão ligados.

—1.000\$00 dum industrial, para o material escolar do Lar do Gaiato. Nunca saí da fábrica deste senhor, com as mãos vazias.

—500\$00 de visitantes do Tojal. Está tudo ainda nas ruínas, mas os visitantes já notam qual-quer coisa de estranho, que lhes abre a bolsa.

Depois do Natal, podem começar a visitar o Palácio para verem o que ele precisa.

—20\$00 uma igreja; 50\$00 de Tomar; 1.600\$00 duma Senhora, no novo Lar de Coimbra.

Fala o reino de MANICA e SOFALA

Em primeiro lugar é uma carta de Caia. Caia, margem do Zambeze, coração da Zambézia, que por ser terra portuguesa, os portugueses que lá moram adoram Portugal. Assim o diz carta, ao falar do jornal mais português: «Jornal estranho, porque não se come, mas não nos deixa engolir... Um nadinha a baixo, continua a carta:

«Quando com os meus 4 pequenos as coisas não correm bem, ou as despesas são maiores e começo a sentir-me aflita muitas vezes tenho pensado em si e digo: «O que fará o Padre Américo?...»

Segundo: Porque não põe no seu programa, se é que já não pôs—uma vinda a África?

Tem cá tantos amigos. Qualquer companhia lhe dá passagem, se não experiente. E há cá tanto para dar se o Padre Américo quizer pedir!

De barco era melhor, ia a Angola, onde há muita generosidade—também e tinha logo transporte para o muito assucar, conservas, roupas, tudo que lhe dessem, que num avião não iam.»

Temos aqui a Zambézia a chamar. A querer abrir os seus tesoiros. Nem mares, nem continentes. Não há distâncias. E' a presença.

A Obra da Rua está na Zambézia tão rial e tão perfeita como aqui: Lá como cá chora-se: não nos deixa engolir.

* * *

Esta outra que se segue é da Beira. A pérola do Indico. Quantas cobijas! Quantas ameaças! Quanto heroísmo; Tudo,—mas hoje a Beira é dos portugueses.

Andam creanças nestas duas cartas. A primeira, a de Caia, informa que o jornal vem em nome do nosso filho mais velho, a quem uma tia oferece a assinatura. A segunda, a da Beira, diz da mesma sorte. Creanças á vista! E' de um Engenheiro. Um Engenheiro das Obras Publicas.

«Desde há muito que venho seguindo, com um interesse a que não é estranho nem a inteligência nem o coração, a obra magnífica que V. está erguendo nesse lindo cantinho de Portugal. Isto porque um dia aqui apareceu o jornal «O Gaiato», dirigido a meu filho, Francisco José de Bourbon, a quem sempre fiz sentir o que havia de superiormente belo no trabalho a que V. se devotou. Hoje, que ele está a estudar na Metrópole, com igual interesse e ternura leio de fio a pavio o único órgão da imprensa em que não há nada que se deite fóra.

Um dia disse algumas palavras, numa palestra da rádio, sobre essa Obra. E logo no dia seguinte de manhã me apareceu um cartão de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Bispo da Beira com um donativo de 200\$00, para Ela. Ao meu contributo inicial de 300\$00, juntaram-se depois mais dois donativos de 100\$00: um de um anónimo, e outro de Mário António de Matos Ferrão, e esposa. Junto um cheque a importância total, lamentando não ser maior, desde já o contributo desta cidade. Mas espero que um dia aí possa fazer chegar quantia mais avultada, que marque o interesse com que nesta terra se vê erguer pedra a pedra,—com o coração, com a inteligência, e com um amor que dá poder ser bem compreendido e sentido por quem viva, da verdade, a doutrina dos Evangelhos—a «Obra do Gaiato», fazendo de tantos desgraçados vítimas de uma sociedade voluntariamente cega homens dignos, capazes de ser seus membros honestos e laboriosos.

Seus haja pelo muito que já fez, e Deus ajude essa Obra admirável—tão admirável que muitos há que não conseguem sentir!...»

Muito obrigado pelas suas falas e pelo cheque. Tenho saudades da Beira. Saudades, sobretudo, da Zambézia. De Caia!

Quanto mais afastados da Pátria, mais amor temos á Pátria. E' vêr estas cartas e tantas que se não publicam; nem tudo quanto estas dizem é de publicar. A Obra da Rua é o aproveitamento dos valores humanos. Valores que andam perdidos. Valores que podem vir a ser contra nós, se os não fazemos nossos. Isto compreende-se nas províncias ultramarinas. A Bandeira que cobre aqueles territórios imensos, é a mesma dos socacos da metrópole. Os socacosinhos! Que pena eu tenho de morrer sem assistir á criação de aldeias africanas saídas destas que já temos!

—Gravatas e 20\$00 dum estudante; 50\$00 doutro ou a. de g. por benefícios recebidos.

—Peúgas dum estabelecimento e grandes descontos e muitas coisas adquiridas para uso dos gaiatos. P.^e ADRIANO

CASA DO GAIATO DE LISBOA

De Arraiolos chegou o primeiro azeite. Azeite é matéria de sacramentos. As nossas casas são santuários. Santuários d'almas! A igreja de Fátima, com ser domingo de chuva e talvez por causa disso, rendeu vinte e cinco contos. No Eden é que foi! Andou ali o nosso documentário. As cartas que nós temos aqui recebido. Assinaturas espontaneas do famoso. Palmas! Apoiados. Donativos. O Emprezário do Eden senhor Lupo Lauer, vencido pelo filme, desatou a pedir por sua conta e risco, tendo depositado no Banco vinte contos redondos. E que muito mais teria sido, se tivesse começado logo no primeiro dia. E' natural. Não pomos ponto de admiração. Eu sei a Quem sirvo. Também sei do tesouro que todo o homem tem dentro de si—o coração.

Mas há mais. As massas esperam pela Igreja. Igreja militante e actuante e orante. Não se trata de tal dinamismo, palavra com que muitos gostam de qualificar muitos. Eu vejo isso na Imprensa alta. Por dá cá aquela palha, a respeito de qualquer sujeito, aí vem o *dinamico*. E' o adjectivo da moda. Não senhor. E' a Igreja orante. A Pobre. A Mártir. A Perene. O povo está á nossa espera. Tudo tem falhado,—tudo. O mundo está farto do mundo. O mundo sério, já se vê. Ora é precisamente nesta altura que aparece na tela dos cinemas a aldeia de Paço de Sousa, e a revelação do que se vai fazer em Loures. Resultado? O delírio. O delírio nacional! Já se vem de propósito de Lisboa aqui, buscar a confirmação do filme! Ontem estiveram cá automóveis da capital, vindos expressamente. O Bucha é que mostrou. Até os bois e as vacas! Era uns senhores. Nomes e apelidos e posições, tudo fica fóra das portas. Os nossos cicerones não perguntam nem querem saber. E' uns senhores, e pronto.

Em o dia 26 deste mês, partiram da estação de Coimbra, com destino ao Tojal, o Padre Adriano com cinco gaiatos da Casa de Miranda.

No dia seguinte, partiram da estação de Cete, na companhia do professor Arlindo e para o mesmo sítio, outros tantos gaiatos da Casa de Paço de Sousa. Dez pequeninos missionários! Não tenho aqui os nomes nem a biografia dos de Coimbra. Mas dos de Paço de Sousa, há dois que nós achamos nos caminhos há muito tempo, e sendo hoje nossos, não sabem dizer de quem eram! Um é roupeiro; outro é do campo.

Eles vão arrotiar. Vão alindar a casa! No primeiro domingo de Janeiro, por ser dia do Santíssimo Nome de Jesus, abrimos as portas e consideramo-nos oficialmente instalados. Escolheu-se este dia de propósito. A nossa obra é consagrada àquele nome. Em todas as casas é dia de festa. Eu peço muita desculpa aos meus leitores de trazer para aqui esta nota meramente espiritual e religiosa. Peço desculpa. Muitos não professam nenhuma religião. E contudo é justamente para eles e por eles que se fala no Santíssimo Nome de Jesus, o Padroeiro de uma obra que a todos vem apaixonando! Não há ninguém debaixo do sol com tanto poder, tão pouco outro nome que nos possa salvar. E' nEle que importa restaurar tudo e todos. NEle. Os Quatro Grandes, acabaram há oito dias de nos dar esta lição!...

E já agora, para não perder o fio da meada, espero encontrar a máquina de costura no Tojal, no próximo dia 4. E' domingo. E' o primeiro domingo de Janeiro. A missa é ás oito horas.

Foi também na primeira semana de Janeiro de 1940, que esta obra teve o seu início em Miranda do Corvo. Era então um grão de mostarda. Hoje, já os passasinhos do céu pousam nos seus ramos e ali fazem seus ninhos! As imagens do Evangelho, não são miragens. Por detrás delas, descobre-se a Verdade. Que Lisboa nos ajude. Que Lisboa nos conheça. Que Lisboa nos ame.

Não vamos certamente limpar as ruas de Lisboa. Quem pode? Isso não é obra de uma Obra. Só o Decálogo vivido por cada um. Não vamos. Mas diminuir um bocadinho a torrente, isso sim. Isso havemos de fazer. Uma vocação que se vá buscar á rua, vale bem a Obra da Rua. Uma! E nós já temos aproveitado tantas! Que Lisboa nos ame.

Isto é a Casa do Gaiato

O Rio Tinto foi hoje à feira da Senhora do Vale. Calhou a um domingo. Fazia sol. Quis ir à feira. Levou consigo algum do seu dinheiro para comprar um pente e mais coisas. Regressou com o mesmo dinheiro e sem as coisas. Não comprou. Olhou achou tudo muito caro. *Vai a gente remediando*, disse. Ele comanda o que é seu. O dinheiro que o rapaz ganha em nossa casa, é o produto do seu trabalho. Amassar e coser cem quilos de farinha de milho todas as vinte e quatro horas, não é brincadeira nenhuma; e é isso justamente que ele faz. Possuir cada um livremente o fruto do seu trabalho, pertence aos direitos do homem; direito divino! O Piriquito também foi e trouxe coisas. O Carlos, comprou castanhas. O Jacinto, atirou o alvo, a corôa cada tiro. Tudo lhes é permitido, — menos pecar. Eis o santo e senha da nossa obra.

JÁ que falamos em Piriquito, vou contar: — Chegou há dias um relógio de algebeira que um senhor quis oferecer, com palavras mais lindas do que o próprio relógio. Imediatamente chamei o rapaz ao meu escritório, a quem li a carta e fiz entrega do objecto. Ora o rapaz agora não me larga. Frita-me. Quer trocar por um de pulso. Quase todos os fregueses tem relógio de pulso, e quando vão à loja fazer a barba, não se esquecem de o pôr, propositadamente para o aferroar. Eu não sei bem se esta palavra *aferroar* é coisa que um jornalista escreva, mas eu aprendi-a d'elles e acho-a sobremaneira deliciosa, — *aferroar*. E' esta mesma que o Piriquito usa, quando me vem fazer queixa dos fregueses: *olhe que eles estão-me a aferroar por causa do relógio*. Para cumulo, o Luiz cozinheiro foi a Coimbra em serviço, e comprou ali um relógio de pulso por 550\$00. Comprou com o dinheiro d'ele. Dinheiro que ele ganha, na sua obrigação. Também não é brincadeira nenhuma cozinhar para cento e sessenta bôcas, três vezes nas vinte e quatro horas. E' isto que ele faz. Ele e o seu ajudante. Ora se nós temos de pagar a quem trabalha, porque é que havemos de ir buscar fora um cozinheiro, quando a nossa obra é de rapazes, para os rapazes, pelos rapazes? Não vamos buscar fora ninguém. Temos em casa prata, a nossa prata, que vale mais do que ouro. Mas vamos ó Piriquito. Ele soube que eu ia ao Porto, e na maré em que tomava assento no *Morris*, aí vem Piriquito, suplicante. *Troque-me o relógio por um de pulso. Ande lá troque!*

Eu não o quero fazer sem licença de quem ofereceu. Se eu tivesse o endereço, dirigir-me-ia particularmente ao oferente, mas ele assina-se *Leitor X. P. T. O. de algures*, e os nossos correios, por muito espertos, ainda não chegaram a tal perfeição. Espero uma resposta, a vêr se o Piriquito me deixa em paz.

HOJE, domingo, ao altar, aproximava-se de mim o Zé Sá a pedir-me que lhe marcasse eu o seu missal. Vinha de fato azul marinho, gravata, lenço na algebeira com as pontas de fora e descalço. O Zé Sá vinha descalço!

— Que é dos teus sapatos?

— Roubaram-mos!

Soube-se depois quem foi. Era ladrão de casa. O Zéquita do Porto é tão pequeno, que pertence à classe dos *Batatas*. Veio de uma *Iha*. Ninguém sabe dos Pais. Pois Zéquita do Porto, levanta-se de noite e vai por onde pode, *limpar* o que pode. Perguntado, mente e mente! Piriquito, recebe regularmente o *Stadium* e outras revistas, para a sua loja. Pois Taquedinho, arranhou maneira de lhas roubar, com uma gancha de arame. Isto todos os dias. Isto em Paço de Sousa, no Porto, em Coimbra, em Miranda do Corvo e agora, também em Lisboa. Na Casa do Gaiato de Lisboa. E' o panorama da Rua. E' o habitante da tóca, do cabezre, do calaboço.

Que vamos nós fazer? Nada. Não podemos fazer mais do que deplorar e amar. Amar, sim. E com este amor sobrenatural, havemos de livrar alguns d'elles da formidável máquina da justiça de papel timbrado aonde, d'outra forma, muitos ou quasi todos iriam necessariamente malhar.

TEMOS cá em casa um dos espigados que fala às vezes na sua mãe. Ele tem mãe algures. Longe. Muito longe de Paço de Sousa. Esteve ontem comigo aqui no escritório a falar no caso. *Gostava de vêr a minha mãe*, disse-me. Eu respondi que sim, unicamente aconse-

lhei a primavera. Será melhor na primavera. Temos agora a distância. Temos o frio. *Tu és doente*. O rapaz acede. Olha-me na face, resignado e fala como de si para si: *Eu só queria dizer mãe. Chamar-lhe mãe. O' mãe. O' minha mãe*. Eu estava silencioso, a escutar estas grandezas da alma. O rapaz, continua na sua meiga e santa fraseologia: *Como será dizer agora mãe? Eu era pequenino quando saí de ao pé d'ela!* E murmurava *mãe mãe!* Mas isto encerra um mundo de Beleza e de Verdade! Andamos todos à procura das coisas grandes e não vemos a verdadeira grandeza das coisas. Este rapaz que era ontem lixo das montureiras, prega hoje ao mundo sábio o conceito verdadeiro e divino da família. Tem no escrito na alma: *Mãe, ó Mãe!* O nome que enche o mundo!

O rapaz deixa-se ficar. Não tem pressa de sair do escritório. Pois se ele vê em mim a ponte por onde há-de ir até junto de sua mãe! Quando colhe a certeza de que irá, a seu tempo, visitar quem deseja, continua a expôr: *Mas olhe que eu não quero ir sózinho V. há-de ir comigo pra me tornar a trazer*. O medo! O' fraqueza! Forças estas que, sendo sinceras, não há nada que as vença nem ninguém que lhes resista! Sim. Eu vou com ele. Eu sou o servo d'estes rapazes. Eu quero ser testemunha; vêr a que

sabe e como sôa na bôca d'este filho saudoso, o doce nome de mãe.

ERA meio dia. Andava eu deambulando e ruminando nas avenidas da aldeia, quando o Norberto, criadito da mesa dos senhores vem direito a mim. Já muito perto e sem largar o arco que tocava, anuncia o jantar na mesa. Vai ao fundo da avenida, dá volta, passa de novo à minha beira a dizer *ande que arrejece*, e segue qual andorinha *pi pi*. Eu ca achei confiança demais. *Ande!* O verbo andar no imperativo! O imperativo dirigido ó senhor director!! Sim senhor. Senhor director. Aqui há tempos tive de assinar um recibo oficial e foi-me dito redondamente que se não escrevesse director da Casa do Gaiato não recebia nada. Escusado será dizer que escrevi senhor director. Pois é verdade: *ande!*

A dinastia dos creados de mesa dos senhores é muito atrevida. O Amadeu, que se encontra hoje no Porto muito bem colocado, costumava vir-me chamar de andas. Falava de alto: *Está na mesa*. E voltava costas sobre as andas, a fazer equilibrio. Do seu successor, o Carlos Inácio, nem é bom falar! Este está hoje em Coimbra a fazer o Liceu e nas horas vagas persegue os senhores por cotas mensais para a Obra. Já lhes apanhou

pra cima de 4 contos. E' pra que se saiba a marca dos que tem sido creados da mesa dos senhores! Agora é o Norberto. *Ande!* E eu tenho de andar senão não como. Gosto d'este Norberto. Já nos fugiu por três vezes e outras tantas nos procurou. Também está um bocadinho melhor d'um grande defeito que trouxe das ruas. Gosto d'ele, sim, mas gostaria que ele usasse melhores maneiras. O arco. A varêta. A sem-cerimônia. O *ande*; sobretudo o imperativo! Não pode ser. Estou quasi a resvalar pró sistema da autoridade, da distância, do gabinete do senhor director, donde promanam as ordens de serviço e o mais. Estou quasi quasi a resvalar.

O Cête. Não há nenhuma que ele não tenha feito. Tem sido um dos numerosos mais difíceis da nossa casa. Que fizemos nós ó Cête para o ajudar a ser melhor? Que foi? Dar-lhe um pôsto de confiança. Um pôsto de muita confiança. A chave da adegã! Ninguém vai à pipa sem o Cête. O' Cête, traz a chave. E o Cête, de onde quer que esteja, responde, aparece, abre a porta, assiste, fecha a porta, experimenta, não tenha elle ficado em vão e guarda a chave a sete chaves. Ele bem sabe aonde e com quem vive...

Crónica da NOSSA ALDEIA

1 Já cá temos dois jogos de Basket-Ball um para Paço de Sousa e outro para o Porto. E já temos tudo. Os nossos carpinteiros fizeram a tabela e o poste o nosso ferreiro fez os arcos, e também já compramos duas bolas, e dois pares de rédes. Agora estamos à espera de uma caminheta para levar as coisas do Porto para os do Porto porque elles andavam sempre a chatiar o Pai Americo porque não tinham com que brincar. Agora já têm. Mas ainda nos falta uma coisa são as equipas.

2 O cozinheiro de semana foi deitar-se e deixou a porta da fôrnelha aberta, depois o gato talvez estivesse com frio e meteu-se lá dentro. De manhã o cozinheiro foi acender o fogão e fechou a porta da fôrnelha e o gato queimou-se.

3 O nosso pedido já foi satisfeito. Uma Papelaria do Porto mandou quatro canetas para os escriturários e ainda uma coisa muito boa. Os senhores da Papelaria mandaram dizer que quando fôsse preciso arranjar, que arranjavam de graça e alimentação própria. Ficamos muito agradecidos.

4 Os pequeninos já têm mais uma regalia. A's cinco e meia toca para a merenda e elles lá vão todos a correr e a senhora manda-os pôr em forma e elles já sabem para o que é. E' para lamber, o leite que as nossas vacas dão. Leite quentinho e borôa que é muito bom e que elles bebem e ainda ficam a chorar por mais.

5 O Periquito pediu ao Pai Americo para ir ao Porto e como o nosso carro tinha de ir também ao Porto, o Periquito meteu-se dentro do carro e o Snr. Ernesto mandou-o sair fora. O Snr. Ernesto mandou o Piriquito fora do carro porque o Piriquito o aferruou e como o Piriquito já é um homem não devia fazer o que fez, assim o Snr. Ernesto fez muito bem pôr o Piriquito fora do carro e o Piriquito foi a pé até Cête.

6 O Pai Americo mandou chamar o Carlos que é um dos nossos Administradores para ir cozinhar em lugar do Luiz An-

tónio que está muito doente. Está tão doente que o médico não quer que lá vão visitá-lo. O Luiz António é um dos jogadores da Casa e se não está pronto para qualquer dia irnos visitar o campo da Constituição é um sarilho. Todos os gaiatos desejam as melhoras do nosso Luiz António.

7 Os rapazes da erva vieram dizer ao Pai Americo que tinha nascido mais um vitelo e está para nascer outro e ficamos muito contentes com o recém-nascido. Agora é mais um entretenimento para os da erva e do campo que a soltam para a ver correr e saltar.

8 A Selecção de Paço de Sousa está sempre a ganhar, realmente anda com um bocado de sorte. Todos os grupos que cá veem levam sempre 5-0. Isto é só para avizar qualquer grupo que queira jogar com a selecção de Paço de Sousa já se sabe que há-de vir bem preparado.

Um donativo de cinquenta mil escudos

Eu andava fóra, ao pé da casa 2, quando o Sapo berra de longe: *Telefone. O telefone do Porto.*

— O quê?

— O telefone.

— Não é nada disso. Telefone. Ora diz comigo: te-le-fo-ne. E elle disse.

Era uma mensagem agradabilissima. Estavam no Banco Espirito Santo os 50 contos do Natal! Este é o terceiro ano. O senhor ou senhora, pois nunca se soube quem é, não teve coragem de esperar até ao dia 23, data em que era costume fazer o depósito, e antecipou-se uma semana. Fê-lo no dia 15, oitava da Imaculada Conceição. Com esta pancada, sobe já a cento e cinquenta contos. Deus acrescenta o que fica. Acrescenta a vida de quem assim dá.

Este acrescentar, não se deve interpretar no sentido material das coisas. Não, Deus é espirito e todas as Suas operações são de ordem espiritual. Acrescenta, quer dizer, tira a ambição desordenada de possuir, faz com que tudo chegue para todos. E' uma experiencia alegre, fecunda; uma irradiação de paz. Estou contente por tudo, mas principalmente por sentir que a nossa Obra não tem desmerecido nada no conceito desta Pessoa. Tal como há trez anos, existe hoje a mesma devoção; a oferta não foi diminuída.

Agora que eu ando com um bocado de ferro, isso ando! Não saber nada! Não me dizerem nada! Passa-se um ano e outro e outro, toma lá cinquenta contos e cala-te! E' forte!

A venda do famoso

Não se fala! Não há palavras! Braga 400!! Os vendedores são os *meninos do dia* nos dias de venda. O Porto vai sempre na casa dos mil. Mil a dobrar. Lisboa, vamos a ver. Coimbra, mais moderada. Um nadinha mais calma. O Carlos Inácio entrou há dias numa loja da baixa a oferecer o jornal e foi-lhe dito que saísse imediatamente, senão comia. O rapaz ainda refilou, mas o senhor era muito grande e estava em sua casa, de forma que resolveu pelo mais seguro. Saiu da loja. Não comeu ele, mas comeu outro que na maré entrou na mesma loja com o mesmo fim. Não sabia o que se estava passando e ficou muito admirado dos pontapés que o senhor lhe pregou. Foi numa botica. Coimbra é uma terra de *valentes*. Eu conheço. Andei por lá oito anos.